

A construção da memória a partir das lendas marajoaras no imaginário sourense

The construction of memory from marajoara legends in the sourense imaginary

Maurício Dias Carvalho
Sebastião Rodrigues da Silva Junior

RESUMO

Este artigo busca discutir o papel das lendas, enquanto processo de construção da memória e refletir este processo, a partir das narrativas míticas marajoaras, da linguagem, da cultura e da história, tomando como referencial a identidade histórica dos sujeitos inseridos nesta constituição e o lugar de pertencimento, a qual eles ocupam. O estudo foi pautado em pesquisa bibliográfica, em narrativas sobre as lendas de Soure. O texto apoia-se nas obras de BENJAMIN (1987), ZUMTHOR (1997), RICOEUR (2007), CHARTIER (2009), BURKE (2000), BARTHES (2001), HALBWACHS (2004), THOMPSON (1992), entre outros, além de discutir a posição de alguns autores, que abordam essa temática a partir do avanço dos signos da cultura moderna, da linguagem e dos saberes tradicionais. Portanto, observar que através das lendas de Soure, a memória se constrói e interliga valores, saberes, crenças, linguagens, cultura e identidade, é se permitir compreender que dentro dessa construção, os sujeitos históricos estão vivos e estão inseridos no imaginário local, haja vista que, dentro desse processo de constituição, as lendas enquanto uma narrativa passa a ser um importante elemento para história material e imaterial na/da cultura dos povos tradicionais a partir dos saberes, assim como elemento de constituição da memória.

Palavras-chave: Memória, Saberes, Narrativa, Lendas, Identidade, Cultura.

ABSTRACT

This article has the purpose to discuss the role of legends as a process of memory construction and to reflect on this process, based on Marajoara mythical narratives, language, culture and history, taking as a reference point the historical identity of the subjects involved in this constitution and the place of belonging they occupy. The study was based on bibliographical research into on narratives about the legends of Soure. The text is based on the works of BENJAMIN (1987), ZUMTHOR (1997), RICOEUR (2007), CHARTIER (2009), BURKE (2000), BARTHES (2001), HALBWACHS (2004), THOMPSON (1992), among others, as well as discussing the position of some authors who approach this subject from the point of view of the advance the signs of modern culture, language and traditional knowledge. Therefore to observe that through the legends of Soure, memory is constructed and values, knowledge, beliefs, languages, culture and identity, is to allow oneself to understand that within this construction, historical subjects are alive and inserted into the local imaginary, given that, within this process of constitution, legends as narrative become an important element of material and immaterial history in the culture of traditional peoples based on knowledge, as well as an element of the constitution of memory.

Keywords: Memory, Knowledge, Narrative, Legends, Identity, Culture.

INTRODUÇÃO

Ao dissertar sobre a construção da memória a partir das lendas marajoaras no imaginário sourense, enquanto uma construção humana faz-se necessário compreender alguns conceitos, a saber: cultura, identidade, linguagem, memória e saberes tradicionais, sejam eles, no campo da antropologia, ou na perspectiva da nova história cultural, que aponta para uma nova visão, sobre os objetos da cultura e a apropriação do conhecimento, tendo em conta, o saber fazer dos sujeitos históricos, que compõem o lugar de natureza, e como eles, adquirem sentidos numa relação sociocultural, dentro da perspectiva dos saberes tradicionais, que são produzidos pelos sujeitos locais, a fim de, compreender como esses sujeitos ganharam destaque e lugar, na luta de resistência contra a hegemonia da cultura eurocêntrica colonialista.

Neste sentido, vale ressaltar que, o texto apoia-se nas obras de BENJAMIN (1987), ZUMTHOR (1997), RICOEUR (2007), CHARTIER (2009), BURKE (2000), BARTHES (2001), HALBWACHS (2004), THOMPSON (1992), entre outros, além de discutir a posição de alguns autores, que abordam essa temática, a partir do avanço dos signos da cultura moderna, da linguagem, da história e dos saberes tradicionais. Levando em conta outros teóricos, ou pelo menos, alguns conceitos problematizados por eles, no intuito de estabelecer uma discussão sobre memória, esquecimento, experiência, narração, linguagem, história, identidade, cultura e, principalmente, demonstrar através das narrativas míticas a ser estudada, a construção da memória e, como tais elementos estão inseridos nesta construção, demarcando em tal contexto, a identidade, a cultural, e o papel do narrador, enquanto propagador dessas narrativas, assim como, a configuração do próprio imaginário na relação tempo/espaço, nesse processo de construção, entre passado e presente, a partir dos sujeitos históricos e suas narrativas.

SUJEITOS HISTÓRICOS: DA NARRATIVA À MEMÓRIA

Segundo Benjamin, “construir e compreender a história são tarefas dos sujeitos que atuam nela”. Desta forma, vale enfatizar que, não é à toa, que nesse processo de construção do saber histórico e empírico, o homem enquanto um animal racional e, ser social historicamente, está constituído de memórias e fantasias e, vive cercado por imaginários, que se percebe a partir de inúmeras rememorações difusa ao longo da história, que paulatinamente, vai se construindo enquanto identidade, a partir da linguagem, sendo

representada através da cultura e do discurso, numa relação de conhecimento entre passado e presente, atravessando assim, a lógica da narração, que promove, de certa forma, a constituição da memória e sua validação. Para GAGNEBIN (1994),

“A importância da narração para a constituição do sujeito era reconhecida por essa rememoração, ou seja, pela retomada salvadora da palavra de um passado que, sem isso, desapareceria no silêncio e no esquecimento (GAGNEBIN, 1994, p. 73)”.

Partido desse viés, no que diz respeito a tal abordagem e, principalmente, sobre papel do narrador e o valor histórico, que a narrativa tem para construção da memória, e da identidade, Benjamin (1987), disserta que, na era da reprodutibilidade técnica da obra de arte, é proclamado o desaparecimento do narrador e, que “a arte de narrar está definindo porque a sabedoria – o lado épico da verdade – está em extinção”, assinalando assim, a perda da experiência frente ao caótico mundo da era moderna, em detrimento à reprodutibilidade técnica. Pois a sombra de um passado glorioso, que outrora, era rico de histórias épicas e de grandes aventuras, agora se perdem no vasto mundo moderno e complexo, que paulatinamente, apaga no esquecimento, questões que tanto Gagnebin, quanto Benjamin enfatiza. Vale ressaltar que neste aspecto, GAGNEBIN (1994), salienta que,

[...], podemos então ariscar a hipótese de que a construção de um novo tipo de narratividade passa, necessariamente, pelo estabelecimento de outra relação, tão social como individual, com a morte e com o morrer (GAGNEBIN, 1994, p. 74).

Ao dissertar sobre o sentido de valor, que a narrativa tem para com o narrador na obra de arte, o autor salienta que a partir da modernidade, esse ato de narrar vai se perdendo, paulatinamente, inferindo que isto se dá, em decorrência da ausência de experiência e pobreza de comunicação, no campo da modernidade. Dando margem para novo tipo de narrativa, que transita ora no campo social, ora na mimética do homem individual, que ao transitar assim, a arte de narrar pode morrer, lentamente, condicionando assim, outras formas de construção de narratividade. Pois a realidade histórica é outra, ou seja, totalmente, difusa da sua, do contexto histórico atual. Ainda na perspectiva de GAGNEBIN (1994), ele discorre que,

“O fim da narração e o declínio da experiência são inseparáveis, das transformações profundas que a morte, como processo social, sofreu no decorrer do século XIX, transformações que correspondem ao desaparecimento da antítese tempo-eternidade na percepção cotidiana [...], (GAGNEBIN, 1994, p. 73)”.

Nesse contexto, GAGNEBIN disserta sobre o “antagonismo entre a derrocada da narrativa e a força do romance em ascensão, que investiga, compreende e reflete as relações do homem com a sociedade, a natureza e o lugar, a partir das ligações existentes na arte de narrar”. Conforme aborda este autor, podemos observar que ele traça um percurso, que

recorta outras realidades, de modo que, ao mesmo tempo, afirma que a arte de narrar está definindo, e discorre que dentro dessa construção da memória e da narrativa, a experiência entra em declínio, num processo de decadência em decorrência da ausência da comunicação, entretanto, são essas transformações, e essas dualidades, a partir das dicotomias dentro dessa realidade, que o narrador vivencia, e que os tornam inseparáveis nesse processo de construção, ou seja, há aqui, uma relação entre experiência e narração.

Deste modo, tendo a narrativa comum uma tangência da interação social fundada na sapiência dos indivíduos e a memória portadora desta, o romance emerge como cômputo da era moderna que fragmenta o indivíduo, deixando-o em constante choque com uma realidade, que muitas vezes é incapaz de compreender e apreendê-la em sua totalidade. Essa implicação nos remete à lógica, que a linguagem desempenha nesse contexto, pois, a narrativa ganha voz a partir da palavra, enquanto subproduto da linguagem.

Ao dissertar sobre as implicações referentes à construção da memória, na perspectiva da linguagem e da representação, vale ressaltar os apontamentos de RICOEUR (2007), quando enfatiza que “as vidas humanas têm necessidade e merecem ser contado”, ou seja, essas histórias, essas vidas têm valor dentro de seus territórios, da natureza e do lugar a qual elas pertencem, uma vez que os sujeitos podem ser representados na cultura a partir de sua identidade, pois as fontes orais revelam as intenções dos feitos, suas crenças, mentalidades, imaginário e pensamentos referentes às experiências vividas, como afirma PORTELLI (1998). Assim, a memória surge como uma obrigação, como uma imposição, revelando determinados saberes de um grupo, ou de um povo, que podem ser recontado pelo viés histórico, ou pela perspectiva da narrativa, revelando assim, seu caráter de identidade. Para RICOEUR (2007).

O dever de memória não se limita a guardar o rastro material, escrito ou outro, dos fatos acabados, mas entretém o sentimento de dever a outros, dos quais diremos mais adiante que não são mais, mas já foram. Pagar a dívida, diremos, mas também submeter à herança a inventário (RICOEUR, 2007, p. 101).

Segundo Ricoeur, a história deve “afirmar outra representação do passado”, exercendo a crítica para frisar sua função de “coordenação, [...] de “síntese do heterogêneo”, pois, nesse sentido, a história mede e corrige a memória. Tais implicações vela-nos o modo como à memória se constrói, seja ela, pela fenomenologia na hermenêutica do saber histórico, ou através das representações sociais criadas pelos sujeitos envolvidos, que estão condicionados aos elementos da cultura, na chamada modernidade.

Entretanto, ao discorrer sobre o papel do narrador no processo de construção da narrativa, surgem algumas inquietações, a saber: como acontece a morte do narrador na era moderna? Qual a causa de sua morte? Para responder tais questões, se faz necessário compreender a história e os sujeitos envolvidos em tal contexto e o surgimento de uma nova categoria de construção do saber. Logo, a partir desses sujeitos históricos, que usam das narrativas para fomentar a constituição da memória, dar sentido e significado a cultura, e reafirmar suas identidades, que a cosmovisão do imaginário local vai se coadunando, enquanto categoria de construção do saber tradicional.

CULTURA E IDENTIDADE: CATEGORIAS DO SABER EM CONSTRUÇÃO

Com o advento de uma nova categoria de construção do saber, na era moderna, “o homem fica destituído de *sabedoria* e, por isso, incapaz de saber narrar à história, de *escutar* e de dar *conselhos*”, disserta Benjamin. A partir de tais transformações, a natureza humana exige que a história seja recontada, do ponto de vista de outras possibilidades, por novos olhares, por outros sujeitos, por uma nova métrica, justamente, por que diante dessa nova realidade subjetiva do ser social, a saber: o homem, e as implicações ocorridas em tal cenário, o faz com que, adentre numa encruzilhada desencadeada pela fragilidade de uma temporalidade espacial, buscando desta forma, compreender a nova realidade desse contexto social e cultural, que se apresenta com a modernidade e suas transformações.

Seguindo esse novo paradigma, no que diz respeito à construção da memória, e do saber fazer, referente à nova história cultural, em detrimento a decadência do narrador perante a modernidade, CHARTIER (2009) disserta que,

O saber histórico pode contribuir para dissipar as ilusões ou os desconhecimentos que durante longo tempo desorientaram as memórias coletivas. E, ao contrário, as cerimônias de rememoração e a institucionalização dos lugares de memória deram origem repetidas vezes a pesquisas históricas originais. Mas não por isso memória e história são identificáveis. A primeira é conduzida pelas exigências existenciais das comunidades para as quais a presença do passado no presente é um elemento essencial da construção do seu ser coletivo. A segunda se inscreve na ordem de um saber universalmente aceitável (...). (CHARTIER, 2009, p. 24).

A partir da discussão supracitada acima, podemos perceber que em Chartier, a lógica do imaginário enquanto uma construção é apresentada sob a vertente da teoria geral do imaginário social, que possibilita dissertar sobre as implicações da realidade dos sujeitos históricos, revelando assim, a força da narrativa oral criadora das ficções, da memória como resultado do esforço de se reescrever em um novo contexto, ou numa nova realidade, a partir

do que já existe representada através de outras construções imagéticas dentro imaginário social, a saber: *o Romance*, que ganha cada vez mais espaço e lugar no ato de narrar.

Dentro dessa mesma proporção, Zumthor enfatiza que nessa relação, ao tratar da poesia oral enquanto uma narrativa discorre que, esta abrange as mais variadas manifestações artísticas, que têm a voz como matéria-prima e os seus estudos são valorizados. Ele ainda discute que, “num mundo da voz, o romance parece pretender abafá-la. E será que abafa realmente? Sem dúvida, não”, disserta Zumthor (1993).

Para tal, o autor comenta ainda que a “oralidade não significa analfabetismo, o qual, despojado dos valores próprios da voz e de qualquer função social positiva [...]”. De fato, o que ele enfatiza aqui é uma teatralidade entre a linguagem e a cultura na relação espaço/tempo, que permeia o processo histórico de produção das narrativas, de identidade e de saberes tradicionais, a partir das memórias, tendo em vista, como condicionante a oralidade dos sujeitos e sua realidade, num jogo dialético entre o narrador e a memória. Levando em consideração esse mesmo jogo dialético, NORA (1993) assinala que,

A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam: ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante demandam análise e discursos críticos. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta e a torna sempre prosaica [...] (NORA, 1993: p. 9).

Portanto, como discorre Nora (1993), “ela, apesar de sempre atual, não apresenta precisão, pois está constantemente ajustada às crenças e imaginários dos indivíduos. Assim, a fonte oral pode ser confrontada com outros tipos de documentação e analisada não apenas como uma complementação do documento escrito nos estudos históricos, uma vez que, ambos os documentos produzem informações sobre as transformações das sociedades humanas”. Haja vista que, a memória é a base constituidora da oralidade, um elemento vivo, e presente numa relação temporal.

Para LE GOFF (1990),

A memória é onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para libertação e não para a servidão dos homens (LE GOFF, 1990, p.471).

Considerando tais pressupostos, percebemos que a partir da história, das lendas e das narrativas dos povos tradicionais, os saberes e os conhecimentos empíricos desses sujeitos, atravessam outros territórios, que vai para além das fronteiras da cultura, ou da linguagem

demarcando assim sua identidade, tendo em vista memórias coletivas, enquanto elemento de libertação do sujeito, que pela ótica da história, transita outras temporalidades, a saber: o passado, o presente e o futuro, conforme infere Le Goff.

A partir de tal relação, torna-se relevante nessa construção, conjecturar o papel das literaturas, enquanto mecanismo de propagação da narrativa, haja vista que, é no constante desejo de decifrar e interpretar o sentido das coisas que nos cercam, e de perceber o mundo por diversas perspectivas, que acontece o recorte entre a realidade ficcional da narrativa e a realidade temporal, com a qual vivemos, e a memória ganha lugar, dentro dessa trajetória de construção e representação, seja material ou imaterial.

Segundo LE GOFF (1990),

O estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento (LE GOFF, 1990, p.422).

Conforme Le Goff, a memória está em constante relação dialógica entre a história e a realidade, ou seja, entre o passado, o presente e o futuro, promovendo de certa forma, a construção da identidade, da linguagem, da cultura e dos saberes tradicionais, que cada sujeito é capaz de produzir, construir e representar.

Logo, partindo de uma concepção histórica conceitual, mediante abordagem apresentada no escopo do texto, referentes aos autores supracitados, insta salientar que a Construção da memória a partir das Lendas Marajoaras no Imaginário Sourense, tido aqui enquanto tema deste artigo e objeto de estudo, torna-se fundamental para compreendermos a relação, que existe entre o narrador e sua obra, a partir de outras realidades. Pois, é nesse processo de construção, que a história, a memória e o saber vão sendo representados a partir dos sujeitos envolvidos nessa construção, através da linguagem, da cultura e suas realidades adjacentes, ganhando sentido e novos significados dentro da materialidade simbólica da cultura e do imaginário.

DA HISTÓRIA À MEMÓRIA

Peter Burke descreve a memória como uma reconstrução do passado, uma vez que lembrá-lo e escrever sobre ele, não são atividades ingênuas e inocentes como julgávamos até bem pouco tempo atrás, disserta Burke. Nessa perspectiva, ao trazer o passado até o presente, possibilitamos recriar um novo passado, ao mesmo tempo em que o projeta no futuro; graças a essa capacidade da memória de transitar, livremente entre os diversos tempos, é que o

passado se torna verdadeiramente passado, e o futuro, futuro, que dialoga com a cultura de cada sujeito, afirma Amado (1995). Tendo em conta esse pressuposto, a priori, BOSI (1994), ao enfatizar o papel da narrativa na construção do imaginário, ele disserta que,

“A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que possa ser a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor (BOSI, 1994, p. 55)”.

Partindo de tal concepção, é possível inferir que na relação entre o narrador e a memória, a partir de BOSI, a narrativa torna-se uma peça fundamental para a construção da cultura, da história oral, assim como na realidade dos sujeitos, que a constroem. Para, Seixas (2005) esta distinção não só é difícil de empreender, como é também perigosa, pois,

A memória possui dupla residência: habita inextrincavelmente o mundo rígido e instável da matéria, tanto quanto reside, como elástica faculdade, em nosso espírito. Toda percepção, por mais breve que seja, supõe uma duração e está, por isso, impregnada de lembranças, de memória (SEIXAS, 2005, p. 64).

Logo, nessa discursão está nítido que, a arte de narrar é tida como uma característica, que diz respeito à capacidade humana de contar suas histórias, suas memórias, suas experiências, o saber fazer, e relatar sua trajetória de vida, a partir de sua perspectiva cultural, que está inteiramente, interligada a realidade dos sujeitos históricos, que estão inseridos nesse contexto temporal, os quais são entrelaçados pela poética das lendas, da fabulação, dos mitos, do imaginário, da história ou da ficção, histórias essas que são construídas, segundo o ideal imaginário, que o homem recria a partir da cultura do outro, e que são recontadas através de suas narrativas orais, que vão sendo produzidas na conjuntura da realidade adjacente, em que atuam.

Ademais, o homem nesse contexto imagético é cercado de fantasias e ao mesmo tempo, corporificado nos imaginários que a cultura, de certa forma, projeta sobre si, principalmente, a partir de suas lendas e de sua história oral, que é capaz de reproduzir, a qual serve como um subproduto da construção da memória, de modo que, o homem que narra, nesse processo é o dono da palavra, ou seja, torna-se a personificação da própria narrativa, que está para além, do tempo e do espaço dentro da categoria poética da arte de narrar. A partir dessa abordagem, Roland Barthes (2001), infere que,

[...] A narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades; a narrativa começa com a própria história da humanidade; não há, nunca houve em lugar nenhum povo algum sem narrativa; todas as classes, todos os grupos

humanos têm as suas narrativas, muitas vezes essas narrativas são apreciadas em comum por homens de culturas diferentes, até mesmo opostas: a narrativa zomba da boa e da má literatura: internacional, trans-histórica, transcultural, a narrativa está sempre presente, como a vida (BARTHES, 2001.p. 103-104).

De acordo com Barthes (2001), a narrativa faz parte do processo de construção da memória, à medida que, esta permeia às realidades dos sujeitos através de sua temporalidade cultural, ou seja, para o autor, ela está em todos os tempos históricos, presente, passado ou futuro, descrevendo e construindo a memória, a história, a cultura, a identidade e os saberes tradicionais inerentes a cada sujeito. Não é à toa que, Ricoeur disserta que a narrativa é um processo educativo, justamente, por buscar compreender que há a necessidade de tecer uma relação entre o homem e sua história, que é construída a partir do outro e, juntamente, com a realidade que o mundo apresenta, de modo que, ao mesmo tempo, dialoga com o passado e o presente, ou seja, dentro de sua historicidade, tendo a história oral como aporte. Interligado a essa abordagem, Thompson (1992), afirma que,

[...] a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos (THOMPSON, 1992, 17).

Dentro dessa proposta, Thompson argumenta que nenhuma fonte está livre da subjetividade, seja ela escrita, oral ou visual. Todas podem ser insuficientes, ambíguas ou até mesmo passíveis de manipulação. Apesar da subjetividade a que a fonte oral está sujeita. Em seu livro “*A voz do passado*” o autor defende o uso da metodologia da história oral, ao afirmar que “a evidência oral pode conseguir algo mais penetrante e mais fundamental para a história. [...] transformando os objetos de estudo em sujeitos” disserta Thompson (1992). Dentro de tal argumento, VENSON & PEDRO, (2012) discorre que,

A ideia central no campo da oralidade é dotar a memória de historicidade, mostrar que ela é possível num dado contexto em que é provocada. Há já algum tempo que a proposta de que a memória poderia revelar ou desvelar o real foi abandonado, pois uma análise da memória implica considerar que as memórias são interpretações da experiência vivida, são datadas e podem ser historicizadas (VENSON & PEDRO, 2012, p. 132).

Para esses autores, é necessário compreender que podemos interpretar as experiências vividas da realidade, pela perspectiva da memória, pois esta se torna ferramenta fundamental no processo de compreensão dos sujeitos e sua realidade circundante, tendo em vista, aqueles que narram e os que ouvem as narrativas, dentro de sua formação cultural. Seguindo tal perspectiva, Pellegrini (2003) afirma que, “as histórias sempre reúnem aqueles que as narram e

aqueles que as ouvem, leem ou assistem. Quem narra, por sua vez, escolhe o momento em que uma informação é dada e por meio de que canal isso é feito”, disserta Pellegrini. Afinal, as lembranças dos homens se adaptam a suas vicissitudes, enfatiza Ganegbin (1992). Logo, nessa relação ímpar, Henriques (2005) sintetiza que “descobrir-se como um si mesmo é simultaneamente aceitar-se como irremediavelmente, o outro”. Ou seja, é se compreender enquanto sujeito, a partir dessa inter-relação com o outro, num processo de aceitação, seja tanto do ponto de vista cultural, quanto histórico.

Desse modo, é através da relação entre história e memória, que, inúmeras narrativas orais são apresentadas ao interlocutor, que captura essas mensagens e as transforma em imagem, que posteriormente, as reorganiza na sua memória e as transformam em significados, dando vida e lugar as identidades constituídas em tal processo. Diante disso, as lendas, os mitos, o conhecimento, os saberes tradicionais e os elementos culturais vão sendo perpetuados e propagados, de geração a geração, como forma de transmissão do saber, que estão inseridos nas próprias narrativas, tornando esta uma ferramenta de construção da memória dentro imaginário cultural, de modo a ser representada pelos sujeitos envolvidos.

E, é assim, que a partir desse processo de reconstrução imagética, que a memória passa a ser entendida como uma presença do passado no presente, enquanto construção psíquica ou intelectual de fragmentos representativos, nesse mesmo passado, dando margem à caracterização da memória coletiva, conforme afirma MATOS e SENNA (2011), em sua obra “*História oral como fonte: problemas e métodos*”. Para HALBWACHS (2004), “toda memória é coletiva, e como tal, ela constitui um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros”.

Dentro dessa abordagem, no que diz respeito à memória e a constituição da identidade, e as formas de representação social, Castells (1999) “valida a identidade como um processo de construção de significado com base na construção cultural do ser humano, dentro do grupo social a que pertence. Pode-se ressaltar que a identidade de um grupo é construída socialmente, e que se constrói a partir da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, memória coletiva, aparatos do poder, etc. que processados pelo indivíduo, grupos sociais e a sociedade, organizam seu significado, dentro da estrutura social e na visão de tempo e espaço desta sociedade”.

Mediante tais implicações, é possível inferir a partir da temporalidade do presente, que o passado, se apresenta enquanto uma relação dialética entre o sujeito e seu objeto, como um

processo de reconstrução da memória dentro das narrativas locais, tendo como condicionante a diversidade cultural. Logo, nesse contexto, vale ressaltar o valor que a cultura popular, enquanto uma construção representativa da arte de narrar, tem na constituição do imaginário segundo suas realidades.

Para BOSI (1995), “A arte da narração não está confinado nos livros, seu veio épico é oral. Partindo dessa abordagem, BOSI (1995) inferir que o narrador tira o que narra da própria experiência e a transforma em experiência dos que o escutam”, dando sentido e significados no processo narrativo dos sujeitos que a experimentam. Assim, segundo, OLIVEIRA, (2013).

A cultura popular tem como essência o imaginário, que configura uma riqueza imprescindível à formação de um povo e de sua tradição. É, nesse, campo fértil que o imaginário popular atua revelando sentimentos que resultam em lendas, mitos, contos, crendices, superstições e em outras formas que retratam toda uma cultura (OLIVEIRA, 2013, p. 15).

Para tal, Oliveira (2013) afirma que essas narrativas permanecem no imaginário dos indivíduos de forma atual e viva, constituindo a cultura de um povo, e sua identidade. Desse modo, Elas compõem elementos essenciais na construção da identidade do homem permitindo compreender e assimilar as diferentes influências recebidas de outras culturas. Quando esses contos são falados de pessoa para pessoa existe um resgate e por consequência acaba despertando a memória do inconsciente de cada indivíduo, e ao mesmo tempo, do inconsciente coletivo do povo gerando uma expressão simbólica da cultura. Conforme Oliveira (2013),

[...] toda expressão simbólica é expressão do imaginário e todas as atividades cotidianas que têm a ver com o imaginário, são expressões simbólicas da cultura, entretanto a cultura também depende do imaginário, pois é por meio dele que um grupo produz e interpreta sua cultura. Sendo assim, o imaginário é parte constituinte da vida das pessoas, não há possibilidade de pensar o ser humano sem as imagens que o acompanham no seu dia a dia. Posto que, no imaginário estejam os sentidos que um grupo atribui às representações e, materializam seus elementos culturais (OLIVEIRA, 2013, p.25).

Desse modo, é na diversidade cultural desses sujeitos, que as lendas vão sendo construídas a partir da memória, da história, do lugar e se formando paulatinamente, no imaginário local, criando assim, sua identidade. Dessa maneira, segundo PIPANO (2012) “à memória caberia à tarefa de realizar um retorno àquilo que cada vez mais se distancia mais e mais”. Logo, ao compreender o imaginário é possível compreender a sociedade e sua cultura, sua língua e o lugar de pertencimento de cada sujeito.

Segundo tal abordagem, Silva (2008) fala que uma das características mais importante da narrativa popular é o imaginário, já que ele traz lendas e mitos de diversas culturas. As

narrativas (lendas, mitos, contos) permitem que quem, ouve a história faça um passeio no imaginário popular.

Partindo dessa perspectiva, Silva (2014) explica que identidade pode ser definida como algo que nos pertence, algo que forma o que somos. Sentido de pertencer a um grupo com que sinta afinidade ou que permite um resgate de algo em comum. Já a cultura de um homem se dá através do contato com outros indivíduos e da herança cultural que é transmitida de geração em geração. A cultura de uma pessoa é formada por toda a coletividade circundante, seja através das lendas, dos mitos, dos contos e causos, assim como, a linguagem, a história, os saberes, que constituem a cultura imaterial de um povo, que vai servindo de base para construção do imaginário e a identidade dos sujeitos locais, a partir de sua territorialidade.

Em suma, Maciel e Silva (2009) enfatizam que as lendas são caracterizadas como narrativas que foram construídas no imaginário popular e transmitidas ao longo dos anos de forma oral, transmitindo saberes e valores morais e éticos, ou seja, promovendo uma espécie de valor de juízo, para os sujeitos históricos.

Logo, o ato de recontar uma lenda de pessoa a pessoa, de geração a geração, provoca o surgimento de um discurso próprio e local, criado devido o universo interior e a realidade de cada sujeito, pois, a experiência e os saberes dos povos tradicionais, são fundamentais para construção do imaginário, da identidade e da cultura, enquanto fatores de representação social.

O PAPEL DA CULTURA NO IMAGINÁRIO LOCAL

Ruth Benedict (1998) escreveu em seu livro *O crisântemo e a espada* que “a cultura é como uma lente através da qual o homem vê o mundo. E homens de culturas diferentes usam lentes diversas e, portanto, têm visões desencontradas das coisas”, (BENEDICT, 1998; p. 67). Tendo como referencial o pressuposto abordado por Benedict, podemos inferir que, a cultura segundo a autora, passa a ser compreendida do ponto de vista de quem a ver, ou vivência, em suas diferentes realidades, através de novas concepções ou outras perspectivas, seja ela, do ponto de vista material ou imaterial. E, enquanto parte integrante da vida humana, esta incorpora toda uma conjuntura de valor social e histórico dos sujeitos que a constitui.

Principalmente, no que concerne a construção do imaginário que permeia a memória de cada indivíduo, que a compõem, e que diz respeito à história, o lugar, a natureza e a realidade a qual o homem (sujeito histórico) ocupa neste cenário. Partindo de tal afirmação, Porto-

Gonçalves (2006) destaca que “cada povo-cultura concebe sua própria concepção de natureza, de lugar, e de cultura, assim como elemento de representação social. Logo, é notório o aparato que a cultura tem ganhado em diferentes situações e ramos do conhecimento, obtendo distintas interpretações, utilizações, significações e representações”, disserta Gonçalves.

Desta forma, falar de cultura é dissertar sobre o valor, que ela tem na construção do imaginário dos sujeitos e suas realidades, numa relação de pertencimento. Destarte, podemos ressaltar que neste contexto, o valor que a cultura marajoara disserta na realidade local, caracteriza elementos referentes à construção de uma identidade cultural, elemento esse, que torna o cenário Amazônico como lugar de resistência do saber e de ressignificação cultural do saber fazer de cada sujeito histórico, em suas respectivas localidades, desse modo.

EAGLETON (2005) define a cultura da seguinte forma,

A cultura não é unicamente aquilo de que vivemos. Ela também é, em grande medida, aquilo para o que vivemos. Afeto, relacionamento, memória, parentesco, lugar, comunidade, satisfação emocional, prazer intelectual, um sentido de significado último (EAGLETON, 2005; p.184).

A partir de tal abordagem, é possível inferir, que tanto BENEDICT quanto GONÇALVES e EAGLETON apontam para a importância da cultura e sua diversidade de valores intrínsecos ao ser humano, seja ela no campo do saber ou da representação social, nos fazendo compreender de maneira mais abrangente, a magnitude de tal conceito, permitindo concluir assim, que em Eagleton, a cultura é tida como um elemento vivo, dinâmico e, em constante processo de transformação das diferentes realidades, que ao mesmo tempo, nos dá um sentido, uma finalidade para vivermos e compreendê-la em diversas possibilidades.

Levando em consideração tal apontamento, é possível inferir que, a dinâmica da cultura está carregada de significado e sentido de valor, e não somente, como elemento material, mas também, imaterial, por que ultrapassa a lógica de um simples conceito, que está para além do tempo e do espaço, que a história permeia. Pois, através dos aspectos materiais e imateriais da cultura, podemos conhecer e recontar à história dos povos e das nações, que viveram em um determinado período do passado, e que ao mesmo tempo, tal história pode ser transmitida pelo uso de sua linguagem simbólica e dinâmica, onde carrega uma riqueza de detalhes dos sujeitos que a constitui e, o seu modo específico de saber fazer, mediante as realidades itinerantes.

Desta forma, WILLIAMS (2007) pontua que,

[...] há culturas específicas e variáveis de diferentes nações e períodos, mas também culturas específicas e variáveis dos grupos sociais e econômicos no interior de uma nação. Esse sentido desenvolveu-se amplamente no movimento romântico como alternativa ao ortodoxo e dominante ‘civilização’ (WILLIAMS, 2007, p. 120).

Segundo Raymond Williams, a cultura, enquanto uma produção humana deve ser compreendida tanto da perspectiva de sua especificidade, quanto da congruência de diferentes pontos de vista, ou seja, como um substantivo independente e dinâmico, capaz de promover a construção do saber a partir dos sujeitos históricos, que estão inseridos dentro de determinadas realidades. E ao, discorrer a tendência atual dos debates sobre cultura, Peter Burke registra o recurso crescente de se pensar sobre ela como um elemento ativo e não passivo. Ou seja, o que BURKE (2005) enfatiza ao citar Clifford Geertz, é justamente, propor que,

A cultura deve ser entendida como um padrão, historicamente transmitido, de significados incorporados em símbolos, um sistema de concepções herdadas, expressas em formas simbólicas, por meio das quais os homens se comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atitudes acerca da vida (BURKE, 2005, p. 52).

Na abordagem de Burke, o conceito de cultura está diretamente, relacionado com a realidade histórica da nova história cultural de cada sujeito, assim como os significados simbólicos da cultura nela existente, que estão incorporados à vida do homem, enquanto um ser social e racional. Logo, falar de cultura é falar da história a partir de uma realidade, um contexto, de uma perspectiva, do imaginário, de suas lendas, e saberes, é recontar uma realidade através de outros olhares. Dentro dessa abordagem, FONTANA (2000), afirma que “toda história deveria ser história da cultura, e a melhor história o é”. Nessa conjuntura, podemos trazer ainda para esta discussão, as prerrogativas de BOURDIEU (1998), que sintetiza a seguinte premissa a cerca da noção de cultura, ao afirmar que,

Em uma primeira vertente sobre Kant, diz que cultura é um exercício da liberdade criadora. Nesse contexto, ressaltam aqui bens culturais como instrumentos de conhecimento e de construção de mundo (BOURDIEU, 1998b, p.7-10).

A partir de tal perspectiva, BOURDIEU discorre, que dentro da lógica da cultura, enquanto uma construção humana há um exercício de liberdade criadora, que dá significado e sentido na construção do conhecimento, a qual serve de instrumento do saber para os indivíduos, que nela se constitui. Por isso, o conceito de cultura é um conceito essencialmente plural, como afirma KRAMSCH (1998). E por ser plural, CLIFFORD (1998), disserta que,

A cultura não pode ser pensada como tendo amarras inevitáveis à localidade, pois significados são gerados por pessoas em movimento e pelo fluxo de conexões entre culturas (apud CESNIK & BELTRAME, 2005, p. XVIII).

Levando em consideração essa discussão, tanto BOURDIEU, quanto em GEERTZ (1989), a cultura é parte integrante da vida humana e, por isso, ela tende a ter um caráter de

liberdade, prerrogativas criadoras e um fluxo de conexão com outras culturas, por parte dos sujeitos históricos, que a compõe em sua pluralidade, a partir de determinadas realidades, que nos permite compreender, que há uma relação dinâmica do homem com o lugar de pertencimento. Logo, dentro dessa conjuntura, podemos enfatizar o valor material e imaterial, que a tem para a construção do conhecimento. E ao sintetizar com mais afinco, tais prerrogativas, LARAIA (2009), pontua que a cultura pode ser definida como,

O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, resultado da operação de uma determinada cultura (LARAIA, 2009, p. 68).

Segundo LARAIA, para compreendermos a noção de cultura, em primeiro lugar, devemos relacioná-la com o modo, de vermos o mundo por diferentes pontos de vistas, pois esta é criteriosamente, um elemento vivo, que é inerente ao homem, ou seja, é parte do homem, que a tem como herança da ancestralidade, por isso, ela é viva, justamente, por nos fazer perceber nossa própria realidade, implicando assim, a fazer parte da história da cultura material e imaterial dos sujeitos históricos.

Em síntese, falar da cultura é falar da história dos sujeitos que a compõem, além de discorrer sobre os artefatos da cultura material e imaterial, que é inerente a realidade de cada regionalidade, e não seria diferente, em relação a história da cultura da Amazônia Marajoara, que tem em sua construção, toda uma riqueza de detalhes e conhecimento sendo gerado, a partir das memórias, das narrativas, da identidade, mas principalmente, da maneira singular do sujeito local em sua arte do saber fazer, quando olhamos nas entrelinhas de suas lendas, o imaginário e os saberes tradicionais, que são construídos na relação do sujeito com a natureza e o lugar de origem.

A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO SOURENSE

Ao discorrer sobre a construção do imaginário sourense a partir de suas lendas, antes de tudo, precisamos falar de sua configuração histórica e geográfica, além de dialogar sobre os sujeitos, que faz parte dessa localidade, pois a região de Soure está repleta de lendas e relatos históricos, que configura sua identidade, enquanto espaço de construção do saber tradicional. Vale ressaltar, que a cidade de Soure está localizada na costa atlântica do Arquipélago do

Marajó, sendo banhando de um lado, pelo oceano atlântico e, de outro pelas águas do rio Amazonas, de modo, a ter uma população constituída por uma miscigenação cultural, caracterizados pelas etnias que aqui viveram e ainda vivem, além de uma diversidade de saberes tradicionais, que são produzidos, pelos povos locais, e uma série de lendas, contos e mitos, que são construídos e narrados, a partir da realidade local.

Segundo, Jean Pierre Bayard (2002) as lendas existem desde a formação das primeiras sociedades, “desde a formação do clã”. “As lendas ou histórias populares orais transportam o homem a um mundo em que o imaginário explica fatos pitorescos e simples, enfatizando a simplicidade que essas trazem em si”.

Partindo dessa manifestação, tendo como referencial, a priori, Pierre Bayard, pode inferir que ao longo da história da humanidade, o ser humano sempre buscou formas, meios ou técnicas para manter a comunicação uns com os outros, na tentativa de estabelecer um diálogo, uma relação de contato, um modo de interação onde pudesse expor seus pensamentos, suas dúvidas, suas ideias, seus conhecimentos e ponderações mediante a realidade coexistente, assim como seu entendimento acerca do mundo adjacente, mesmo que de certa forma, esse ato comunicativo, esse diálogo ocorresse em critérios orais, partindo de uma relação binominal tempo-espaço no campo da narrativa, a partir de suas lendas locais.

Para BAYARD (2002)

“a lenda, é mais verdadeira do que a história, é um precioso documento: ela exara a vida do povo, comunica-lhe um ardor de sentimentos que nos comove mais do que a rigidez cronológica de fatos consignados; [...]”. Ou seja, a lenda é Transcrição do pensamento do povo BAYARD (2002, p. 15), [...].

Ao dialogar sobre o valor simbólico, que as lendas dissertam sobre a cultura, temos em Pierre Bayard, as lendas como um documento precioso que dar vida e significado a histórias dos sujeitos, que compõem e relatam suas realidades, haja vista que, para MACHADO (1994) A lenda apresenta uma relação direta com o momento histórico do povo que a cria [...]. Ou seja, ela é parte integrante da história cultural de cada sujeito, que está envolvido em seu processo de criação, dando assim, margem para a construção do imaginário local. Segundo Oliveira, (2013), “o imaginário popular acaba criando um vínculo significativo entre o povo em torno de crenças”.

Assim, conforme OLIVEIRA (2013)

[...] verifica, se algo que ultrapassa a própria cultura, ou melhor, é uma atmosfera que une uma sociedade em torno de valores e crenças comuns. No entanto, é no imaginário que se estabelece o sentido para as representações construídas por uma sociedade, materializadas em elementos culturais. (OLIVEIRA, 2013, p. 41).

Assim, com a finalidade de compreender como o conhecimento, a aprendizagem, a história e suas lendas permanecem vivas através de suas memórias, de modo que, toda sua história é perpassada pelas narrativas dos componentes itinerantes que as tornam elementos vivos a partir de sua realidade, desta forma, sintetiza-se, que os elementos das lendas, tornam a narrativa com teor de riqueza e detalhes em seu desdobramento. Outrora, um condicionante para tal é a linguagem, que serve dentre outros fatores, como elemento comunicativo para que o homem transmita seus saberes pertinentes, sua temporalidade. Em síntese, o ser humano sempre esteve apoiado e, ainda está no uso da narrativa, como mecanismo de interação social e comunicativa. Segundo LOPES (2008),

[...] as lendas articulam questões com as quais a comunidade se vê às voltas para explicar. Podemos aqui interpretar essas questões como sendo medos, ansiedades, polêmicas e interditos que uma sociedade precisa simbolizar, até certo ponto inconscientemente, na forma de narrativas. Essas narrativas viriam então confirmar ou questionar concepções de mundo tidas como válidas dentro da comunidade em questão (LOPES, 2008).

Haja vista que, este recurso é imprescindível no processo de construção de uma sociedade ou de uma nação, assim como no reconhecimento de valores socioculturais ou, numa dimensão de intercultural, que serve como elemento de transmissão de conhecimentos perpetuado entre as diversas gerações. Assim, não seria diferente no que diz respeito à construção do imaginário local, pois a lenda retratada a partir de sua realidade traz consigo uma carga de elementos, que identificam os respectivos sujeitos históricos, que a compõem, neste processo de construção da memória e da história.

O destaque, nesse processo de construção da memória, está no sentido de compreender, que dentro da realidade local, as lendas são condicionantes de cômputo na formação de uma identidade, principalmente, na construção de saberes dos sujeitos históricos desse imaginário. Uma vez que, as lendas são saberes culturais que se adquirem dos antepassados e são levadas adiante para as futuras gerações, que se intercalam com diferentes histórias e a sapiência de outras realidades inerentes a diferentes sujeitos, e diferentes culturas.

AS LENDAS MARAJOARAS

No que diz respeito às lendas marajoara, temos em Soure uma cidade cercada de narrativas vivas, que comporta algumas das lendas mais importantes dessa cultura, que a torna fonte de conhecimento tradicional. Assim, nessa construção do imaginário e da memória podemos citar algumas das lendas, que permeiam a realidade dos sujeitos históricos dessa

região, a saber, as lendas “o Toco, o Pretinho da Bacabeira e a Mulher cheirosa”, narrativas na qual através delas, podemos inferir a construção de uma identidade, a linguagem e a produção de saberes tradicionais, que enriquece a cultura local.

De acordo, com a narrativa de a lenda “o Toco”, tem-se uma construção histórica e mítica, que permeia toda a realidade dos sujeitos, que aqui estão inseridos, principalmente, quando discorremos sobre essa lenda e o lugar que ela ocupa na memória e no imaginário da comunidade local. Deste modo, ao trazê-la para esta discussão o Imaginário Sourense, temos que levar em consideração as narrativas do professor Bezerra¹ (2023), que pesquisa e estuda grande parte desse repertório mítico, identitário e cultural do imaginário local. Ao dissertar a lenda do “TOCO”, o professor, comenta que,

A cidade de Soure é banhada pelo rio Paracauary, que em determinada época do ano passa cortando o rio um toco de árvore, que vai em pé (de forma vertical) e sempre contra a correnteza da maré, dando a impressão de ter raízes. Quando o toco entra boiando no rio Paracauary e passa enfrente a cidade de Soure e Salvaterra. As pessoas ficam olhando, ele vai rumo das fazendas, quando o toco sai do rio vai para baía de Marajó, e depois desaparece. Então, toda vez que o toco entra pelo rio morre uma pessoa vítima de afogamento, pode ser de morador de Soure ou Salvaterra. (BEZERRA, 2023. P. 185).

Nesta construção mítica, segundo o professor Miguel Bezerra, discorre que, ela carrega uma variedade de elementos relacionados a diversos tipos de conhecimentos e saberes tradicionais, demonstrando desta forma, que tais conhecimentos ou, saberes são repassados de geração a geração, de modo que, ao mesmo tempo, reafirmado sua luta pela caracterização de sua identidade cultural, e que enquanto uma invenção humana é capaz de transportá-los a outras realidades, ou seja, para uma nova dimensão do conhecimento, fomentando assim, a construção de um imaginário e, lapidando a memória, pois é nesse processo de transferência e construção de saberes, que a identidade e a memória se constroem, revelando e relevância cultural de tal região.

Como podemos observar no texto, a partir da leitura, é possível perceber a relação entre o lugar e natureza, que ganha voz em tal contexto, pois é notável o papel da encantaria em tom mítico, assinalada todas as vezes que o “toco” surge nas águas, provocando assim, a morte de alguém, em outras palavras, todas as vezes que ele (toco) aparece, uma pessoa morre, dando lugar à cosmovisão que as lendas pode nos proporcionar, enquanto expectadores desses saberes.

¹ Professor e Organizador do Blogue Tio Miga Marajó

Trazendo a lógica da encantaria, algo que é inerente às lendas, podemos inferir que nesse processo constituição do elemento mítico, é como se alguém fosse encantado e levado ao fundo das águas, atributo que faz parte da realidade Amazônica. Deste modo, podemos perceber que tais elementos caracterizam de maneira peculiar, a construção do Imaginário marajoara, perceptível na lenda em questão, e a realidade de cada sujeito inserido nesse processo constituinte da identidade e da cultura.

Na mesma linha de raciocínio, seguindo com as narrativas marajoaras, em específico, as do imaginário sourense, a narrativa da “mulher cheirosa”, torna-se outra construção mítica, que reafirma o processo de construção da memória, de identidade e, de saberes tradicionais, ao traz em sua conjuntura toda a lógica do conhecimento tradicional, de um passado mítico e memorável, através de sua ancestralidade.

Na construção mítica da lenda, na cidade de Soure, a professora Cilene Trindade Rohr (2023) salienta que,

Morava nesta cidade um casal de fazendeiros sendo ele português e ele francesa. Uma mulher muito bonita, loira e de olhos azuis. Esta mulher vivia rodeada de mucambas, entre elas havia uma que era sua melhor amiga. O marido vivia mais tempo em sua fazenda onde também era servido por mucambas e dentre elas existia uma muito bonita por quem ele se apaixonou, e passaram a viver juntos, sua mulher desconfiada da infidelidade do seu marido vivia triste mas a sua mucamba amiga, lhe dava conselhos para ela usasse jasmim no cabelo e se perfumasse para atrair o marido. Mas mesmo assim ele não a percebia tão enfeitado, que estava pela beleza da serviçal. Um dia ela adoeceu muito e fez um juramento que ainda iria se vingar dos homens. Depois da morte da francesa, faziam sete dias, as mulheres estavam rezando o terço, quando de repente todas a viram sair toda de branco pela porta a fora e desaparecer. Desse dia em diante ela passou a aparecer altas horas da noite e com sua beleza e perfumada seduzia os homens, levando-os para lugares bem distantes e depois de fazê-los adormecer, desaparecia. Assim ela ficou conhecida como “A mulher cheirosa”. À noite a Mulher Cheirosa andava pelas ruas toda de branco, e bem perfumada, e já perdeu muitos homens nas matas e mangais de nossa cidade. (ROHR, 2023. p, 64).

Partindo do pressuposto acima, podemos perceber a construção da memória e da identidade, a partir das narrativas, a priori, inseridas em tal configuração, uma vez que, ao mesmo tempo, ela insere em seu contexto, elemento histórico do período colonial, que transita com a realidade dos sujeitos da narrativa, ou seja, ela dialoga com outras temporalidades e, se intercala no tempo e no espaço de sua construção.

Na construção dessa narrativa, há trocadilhos de palavras que se intercalam, de um lado, encontramos um discurso, que nos remete a realidades do cenário europeu, de certa forma, um discurso intencional, exaltando a configuração social do período em questão, contexto

caracterizado pelos costumes e os valores de tal realidade, assinalados pelo casal de fazendeiros da lenda em questão.

Por outro lado, temos os sujeitos da realidade local, caracterizados pelo homem do campo, e sua relação com a natureza, que vive a cada dia, uma nova perspectiva, assim como, os escravizados da fazenda, que permeiam a lenda, além de um contexto, que assinalam realidades tanto da cultura africana, quanto da natureza local (cultura), ou seja, novamente, temos aqui, o papel da natureza enquanto espaço de luta e reafirmação de identidade cultural, o valor que os sujeitos desempenham dentro dessas realidades, e o valor simbólico, que a lenda trás consigo, sejam através da linguagem, da história, da identidade ou, no imaginário, que ganha cada vez mais, lugar de destaque na história dos saberes tradicionais ou, na diversidade de conhecimento, que é possível acessar através dessas narrativas.

Deste modo, podemos notar que, os saberes tradicionais e as identidades vão se intercalando através do tempo e do espaço, e que se interligam na construção do imaginário local, na perspectiva histórica e cultural, atravessando outras realidades, novos contextos.

Ainda no campo das narrativas míticas, as quais permeiam o imaginário marajoara, adentramos outra lenda do imaginário Sourense, ou seja, a história do *Pretinho da Bacabeira*, que trás em seu corpus, uma construção mítica que transita, além dessa, outras realidades, para além de seu tempo, mas também, ao mesmo tempo recorta a realidade local, daqueles que compõe esse território. Para essa construção, novamente, apoiamo-nos em relatos da professora Cilene (2023), ao enfatizar que,

Morava em nossa cidade de Soure, um casal que vieram de Portugal, logo se radicaram as margens do igarapé da bacabeira. O marido da portuguesa era fazendeiro na Ilha de Marajó, como sua fazenda ficava muito longe, o português chegava ficar mais de um ano sem ver a sua esposa em Soure.

*A portuguesa era linda de pele bem branca, como sentia muita falta do marido, a mulher começou namorar com um serviçal bem negro. E o inesperado aconteceu, a portuguesa engravidou do negro. Quando a mulher deu a luz a uma criança do sexo masculino, a parteira percebeu que o bebê era bem negro. Como o português era branco, claro que ele ia perceber que o filho não podia ser dele, por isso a parteira jogou-a no igarapé da bacabeira. A criança não morreu como se esperava, ela mergulhou no mundo místico das profundezas das águas. Assim a criança foi se desenvolvendo, até que chegou o tempo de fazer o seu palácio no fundo do igarapé TAUCU, mais conhecido por Gruta ou Igarapé da Bacabeira, localizado em frente à praça NHEENGAIBA. Neste igarapé, até a pouco tempo existia uma bacabeira, em seu tronco tinha um oco que falavam ser a morada da criança, e como o menino era negro, ficou conhecido como **PRETINHO DA BACABEIRA**. O igarapé Taucu ia até ao meio da Praça do Abacaxi, era aterrado, mas caía tudo, os moradores diziam que era o Pretinho que derrubava o aterro. Todos os anos feitos que aqui passaram tinham que aterrar o igarapé, para não chegar perto das casas da vila da (COHAB), na terceira rua, próximo da praça do abacaxi, não passavam veículos motorizados devido à rua ser cortada pelo igarapé. Acontece que o pretinho não era de muita conversa, todas as pessoas que passavam por aquele*

local não poderiam falar nada contra ele, pois se fizessem receberiam bofetões que chegavam derrubá-las

Certo dia um homem que tinha chegado da pesca tarde da noite, estava fumando um cigarro despreocupado, quando foi convidado pelo pretinho para ajudá-lo puxar uma canoa, o pescador de nada desconfiava, ficou bravo com o garoto por estar de madrugada na rua, foi quando sentiu um tapa no rosto, outro, mais outro. Com muita dificuldade, conseguiu se levantar, mas logo pegava outro tapa, o pretinho era muito ligeiro, já cansado e machucado, o pescador foi para casa ferido.

O igarapé Taucu foi aterrado, na gestão de um prefeito que, levou um pajé até o lugar, e pediu licença do pretinho para aterrar o local. A bacabeira desapareceu, mas o Pretinho ainda existe e faz sua morada por perto do aterro. As pessoas que acreditam no Pretinho jogam garrafa cheia de cachaça, e no outro dia encontram a garrafa lacrada e vazia.

(ROHR, 2023. p, 65).

Como podemos inferir, a partir da narrativa de o pretinho da Bacabeira, a construção do imaginário se dar através da produção do saber, que se vai intercalando com a cultura local, pois cada elemento mítico inserido nesta lenda, nos mostra de maneira implícita, a construção de novos saberes culturais a partir de sua identidade, que transita essa realidade, que enriquece a cultura e a história.

De modo, que cada elemento da lenda, demonstra e caracteriza o lugar, a natureza, tornando o imaginário rico em sua construção, pois nesse processo de constituição, somos todos condicionados a se sentir dentro da história, vivendo e sentindo as emoções de cada personagem, sejam eles, através dos relatos, que os sujeitos enfatizam ou pela capacidade interpretativa de compreensão do contexto social e cultural, que a lenda nos permite experimentar. Partindo do viés inserido nas narrativas expostas aqui, podemos inferir que a identidade é um processo de construção e reconstrução marcado pela cultura e, portanto, elemento essencial para a sobrevivência das comunidades. Ela é responsável por enquadrar um amplo número de representações e manifestações da vida de um povo em um determinado tempo ou período histórico.

Dessa forma, é possível afirmar que as narrativas circulam na realidade local, assim como na construção da história de cada sujeito, intercalando a identidade, a memória e os saberes tradicionais, pois eles permeiam o imaginário popular, como podemos perceber na construção da narrativa mítica abordada em cada contexto explanado, em tal discussão.

Em síntese, essas construções, perpassam pelo processo de rememoração do tempo da narrativa na histórica oral, dos povos Marajoara e suas memórias enquanto uma “narração”, pois do ponto de vista da cultura, ganham significado, sentido, vida e valor, e são representados pelo viés da linguagem, tendo assim, uma identidade própria, a partir do lugar

de pertencimento, seja pela representação social ou cultural, enquanto sujeito histórico, perpetuam o imaginário e a memória de uma determinada realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da história da humanidade, o ser humano sempre buscou formas, meios e técnicas para manter a comunicação uns com os outros, na tentativa de estabelecer um diálogo, uma relação de contato, um modo de interação onde pudesse expor seus pensamentos, suas dúvidas, suas ideias, seus conhecimentos e ponderações mediante a realidade coexistente, assim como seu entendimento acerca do mundo que o rodeia, mesmo que de certa forma, essa comunicação, esse ato comunicativo ocorresse em critérios não verbais e não linear. Justamente, com a finalidade de compreender como o conhecimento, os saberes, e a cultura poderiam ser representados, e a identidade estaria inserida nesse contexto de constituição da memória, através das lendas.

Para tanto, para compreender tais processos, seria necessário, em primeiro lugar, entender o papel da linguagem enquanto mecanismo de interação social e comunicativa, e a relação existente entre cultura e identidade e a dimensão que territorial que ocupam, trazendo uma noção de pertencimento. Vale frisar que, este recurso é imprescindível no processo de construção da narrativa, e que se intercalam numa dimensão de intercultural, que serve como elementos de transmissão de conhecimentos, saberes da tradição.

A partir de tal pressuposto, é possível salientar que as lendas através das narrativas míticas estão interligadas aos valores, a simbologia, as crenças, a linguagem, a cultura e a construção de uma identidade, que não só influenciam o sujeito na forma como ele se vê naquilo que nos rodeia, como na formação do imaginário, na memória, na história ou na identidade. Haja vista que, dentro desse processo de constituição, as lendas, as memórias passam a ser importante elemento para história material e imaterial na cultura dos povos tradicionais e seus saberes.

Tendo em a história oral, a memória e a narrativa enquanto método e possibilidade teórica, e partindo dos pressupostos apresentados aqui, no qual discorre sobre a relação existente entre os autores supracitados, acerca da lógica da narrativa e o condicionante intercalado na arte de narrar, na perspectiva do narrador, assinalado na construção da memória, a partir das lendas marajoaras no imaginário sourense, é acreditar que dentro dessas

lendas os sujeitos históricos dessa construção estão sempre vivos na perspectiva dessas narrativas.

Nessa perspectiva, vale ressaltar que ao se trabalhar a importância das lendas e enquanto elemento de valorização da cultura regional, caracterização que possibilita o processo de constituição da memória, deve-se levar em consideração, que também ela é usada em variadas formas de identificação do sujeito, visto que elas, além de repassar noções de valores morais, ética e conduta de uma sociedade, também retratam a importância da preservação dos costumes, crenças, tradições, história, cultura e saberes tradicionais.

REFERÊNCIAS

- AMADO, Janaína. O Grande Mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral. *História*. São Paulo, n.14, 1995, p. 125-136.
- BARTHES, Roland. **A aventura semiológica**. Tradução: Mario Laranjeira- São Paulo: Martins Fonte, 2001 - (coleção tópicos).
- BAYARD, Jean- Pierre. **História das lendas**. SP: Book e BooksBrasil.com, 2002.
- BENEDICT, Ruth. O crisântemo e a espada: padrões da cultura japonesa. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998
- BENJAMIN, Walter. “**O narrador.**” In: Os pensadores. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. V. 48. p. 57-74.
- BENJAMIN, Walter. O Narrador - considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BEZERRA, Miguel Nazareno da Cruz. A Lenda do Toco. Biblioteca Municipal. Soure-PA. Folheando, 2023.
- BOSI, Eclea. **Memórias e sociedade – lembrança de velhos**. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, 484 p.
- BURKE, Peter. **História como memória coletiva Social**. In _____ Variedades de história cultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2000.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural?** 1937. tradução: Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 2005.
- CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Tradução de Cristina Antunes. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2009.
- EAGLETON, Terry. **A Ideia de Cultura**. São Paulo: Editora Unesp. 2005.
- FONTANA, Joseph. **História dos Homens**. Bauru: EDUSC, 2000.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e Narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva. FAPESP. Campinas: editora da Unicamp, 1994.

- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**, Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.
- HENRIQUES, F. **Filosofia e literatura**. Um percurso hermenêutico com Paul Ricoeur. Porto: Edições Afrontamento, 2005.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 14^a. ed. Rio de Janeiro: Jorge "Zahar Ed.", 2009.
- LE GOFF, Jaques. **História e Memória**. Campinas: Ed. Unicamp, 1990.
- LOPES, Carlos Renato. **Em busca do gênero lenda urbana**._____ 2008.
Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-76322008000200009&lang=pt> Acesso em: 25 jul. 2021.
- MACIEL, Betania; SILVA, Rosi. **Tradições e Apropriações das Culturas Populares na Modernidade: A Lenda do Pantel da Mata**. In: *INTERCOM – XXXII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*. Curitiba, 4 a 7/09/2009, p. 1-9.
- MATOS, Silveira Júlia. SENNA, Adriana Kivanski de. **História oral como fonte: problemas e métodos**. Rio Grande, 2011, p. 96
- NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História. São Paulo: PUC, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.
- OLIVEIRA, Maria. O imaginário artístico-cultural nas lendas tocantinenses. “Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/bitstream/tede/3181/1/MARIA%20DO%20SOCORRO%20DE%20JESUS%20OLIVEIRA.pdf>” Data de acesso: 25/09/2020.
- PORTO-GONÇALVES, C. W. A globalização da natureza e a natureza da globalização. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2015. 461p.
_____. Os (des)caminhos do meio ambiente. 15^a Ed., 2^a Reimpressão - São Paulo: Contexto, 2016. 148p.
- PELLEGRINI, Tânia. Narrativa verbal e narrativa visual: possíveis aproximações. In: PELLEGRINI, Tânia et al. Literatura, cinema e televisão. São Paulo: Editora Senac, 2003. p. 15-35.
- PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luta e senso comum. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Org.). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François {et. al.}. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.
- ROHR, Cilene Trindade. **O Pretinho da Bacabeira e a Mulher Cheirosa**. Curitiba: koter editorial, 2023.
- SILVA, Carina. Mitos e Lendas Populares: Importância no Imaginário do Cinema Português. “Disponível em: <https://comun.rcaap.pt/bitstream/10400.26/31212/1/Tese-convertido.pdf>”
Data de acesso: 04/10/2020.

SILVA, Andréia. Cinema, Imaginário e Identidade: representações do Maranhão no filme Muleque te doído! “Disponível em: https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1501978075_ARQUIVO_TrabalhocompletoANPUH2017-AndreiaLima.pdf” Data de acesso: 28/09/2020.

SEIXAS, Jacy Alves. **Os campos (in) elásticos da memória:** reflexões sobre a memória histórica. In: SEIXAS, Jacy Alves (org.). *Razão e Paixão na política*. Brasília: UNB, 2005

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

VENSON, A. M., & PEDRO, J. M. (2012). Memórias como fonte de pesquisa em história e antropologia. *História Oral*. v. 15, n. 2, p. 125-139, jul.-dez. 2012.

WILLIAMS, R. Palavras-chave. **Um vocabulário de cultura e sociedade**. São Paulo: Boitempo, 2007.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz**. A “literatura” medieval. Tradução de Amálio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat e Maria Inês de Almeida. São Paulo: Hucitec; EDUC, 1997.

Recebido : 09 de fevereiro de 2023.

Aprovado: 30 de novembro de 2023.

Publicado: 1 de janeiro de 2024.

Autoria:

Autor 1: **Maurício Dias Carvalho**

Instituição: EETEPA. Escola Estadual

E-mail: mauricioufpa@hotmail.com

Orcid:

País: Brasil

Autor 2: **Sebastião Rodrigues da Silva Junior**

Instituição: Universidade Federal do Pará - UFPA

E-mail: sebast@ufpa.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1291-8287>

País: Brasil